

CHAMBERLAIN, A. *Human Remains*. Interpreting the Past. Trustees of the British Museum Press, Londres, 1994, 64p.

Sergio F. S. Monteiro da Silva *

O título escolhido por Chamberlain, professor do Departamento de Arqueologia e Pré-História da Universidade de Sheffield, faz parte de uma série de outros como *Ancient Jewellery*, de Jack Ogden; *Animal Bones*, de James Reckham; *Coins*, de Andrew Burnett; *Near Eastern Seals*, de Dominique Collon; *Radiocarbonic Dating*, de Sheridan Bowman e *Roman Pottery*, de Kevin Greene, todos voltados ao estudo das possibilidades interpretativas do passado em Arqueologia.

Este volume vai discorrer brevemente sobre oito aspectos pertinentes ao estudo de remanescentes humanos exumados em sítios arqueológicos. O autor realizou uma síntese primorosa das principais preocupações no estudo dessa categoria de vestígio.

Chamberlain considerou os recentes avanços na Medicina e nas ciências que vieram contribuir para a revelação de detalhes sobre pessoas e comunidades extintas. Métodos modernos da Antropologia Forense podem revelar a idade, sexo, estatura e outros aspectos de um esqueleto. Ossos e dentes podem fornecer aos arqueólogos evidências de ferimentos, infecções e mesmo sinais de uma morte violenta. Estresses físicos e alterações degenerativas podem ser detectados nos ossos. Aspectos fascinantes da vida social pré-histórica são fornecidos pelos esqueletos.

Um desenvolvimento significativo no estudo dos esqueletos humanos ocorreu com o uso das técnicas da biologia molecular, que consideram o DNA e as proteínas extraídas de ossos de procedência arqueológica. Essas biomoléculas podem ser comparadas entre os indivíduos e populações, fornecendo as bases para o estudo das migrações e da diversidade genética humana.

O esqueleto humano (que para o autor é considerado individualmente, distante de seu contexto funerário, econômico, cultural) representa, às vezes,

uma descoberta difícil, que pode parecer demorada e complicada para registrar e exumar.

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, o status legal dos esqueletos sepultados pode ser incerto. O arqueólogo precisa estar informado sobre as sensibilidades e tradições das comunidades locais. Para Chamberlain, a oportunidade para se estudar a biologia esquelética de populações passadas é, contudo, algo valioso em relação àqueles remanescentes que uma vez exumados deverão ser novamente enterrados.

Sobre a identificação dos ossos humanos, considera sua diferenciação em relação aos de outras espécies através das análises micro, macroscópicas e radiográficas comparativas; a idade biológica e os aspectos das epífises e linhas epifisárias; o sexo pela análise da pélvis, crânio, a robustez dos ossos; o problema do dimorfismo sexual durante a infância e a puberdade e do uso de análises discriminantes. A cremação é outro evento que irá dificultar a identificação dos dados anteriores e será considerada como agente fragmentador, alterando e deformando vestígios ósseos, além de constituir dado de cultura-prática funerária.

A evidência da idade e estrutura da população perfaz um tópico em que o autor expõe informações sobre a determinação das características demográficas, alterações etárias e de crescimento ósseo, fertilidade e mortalidade. Métodos aplicados por antropólogos forenses e arqueólogos para a determinação etária em esqueletos de origens atuais podem ter suas validades reduzidas devido às diferenças entre as populações e a influência de mudanças na dieta alimentar e formas de atividades de subsistência. Enfatiza o estudo “paleodemográfico” nas sociedades humanas passadas com o uso de gráficos com curvas de mortalidade e de sobrevivência.

Em outro capítulo, o autor discorre sobre as possibilidades das evidências químicas e biomoleculares. Trata dos diversos métodos usados para detectar e medir quantidades de elementos-traços em materiais biológicos, como os métodos espectroscópicos, de absorção atômica, emissão espec-

(*) Pós-Graduando em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

trocópica, raios-X. O Estrôncio possui um valor particular no estudo das dietas humanas e animais. Analisa ainda possibilidades do estudo dos isótopos estáveis e a detecção e caracterização das biomoléculas.

As doenças e distúrbios são estudados no cap. 4. Aqui o autor enfatiza, nos distúrbios esqueléticos, os traumas, as infecções ósseas, as doenças degenerativas das articulações, doenças por deficiência metabólica e nutricional, congênitas e tumores, “paleopatologia” dentária, os sinais das formas de tratamentos, as marcas de cortes e as modificações *postmortem*.

Chamberlain discorre no cap. 5 sobre múmias, os processos de mumificação, as variáveis de conservação de corpos (congelamento, impregnação por óleos e substâncias naturais conservantes em pântanos).

A localização de sítios cemitérios e de enteramentos tratada no cap. 6 pode ser feita com uso das fotografias aéreas que, fotointerpretadas, indicam a presença de variações nas superfícies do solo, marcas, colorações. As análises de solos podem indicar concentrações elevadas de fosfatos próximas de enterramentos; práticas tradicionais de enterro podem inferir sua localização; fontes históricas e demográficas, evidências epigráficas, registros de casamentos, batismos, podem fornecer dados para a localização de sítios cemitérios.

O autor enfatiza os problemas da escavação e preservação dos restos humanos. O período de permanência e a acidez dos solos e seu efeito nos componentes orgânicos e inorgânicos dos ossos determinam o seu estado de preservação. Durante a escavação, os ossos expostos devem ser devidamente fotografados com escalas e feitos os registros escritos dos dados observacionais.

O museio, obtenção de amostras e armazenamento do material implicam na consideração e visualização de fragmentos, ossos frágeis ou muito pequenos. Devem ser registrados e removidos na posição original em campo. Os ossos danificados durante a escavação podem ser reparados em laboratório, considerando-se futuras análises químicas e de datação. Quanto à remoção de esqueletos muito erodidos durante os trabalhos em campo, podem ser utilizados produtos reversíveis, solúveis em acetona, PVA ou paralóides.

Amostragens são obtidas para a convencional datação radiocarbônica (tecido ósseo compacto), análises bioquímicas das proteínas do sangue,

DNA (pelo tecido ósseo esponjoso), resíduos orgânicos do sistema digestivo (região abdominal).

Limpeza, conservação e reconstituição são etapas interrelacionadas assim como o registro e inventário dos esqueletos. Os dados de registros devem conter plantas, desenhos, fotografias, raios-X, dados usados para determinação de sexo, inventário de todo esqueleto e dos elementos dentários presentes, listas de medidas e variantes esqueléticas, indicadores esqueléticos usados para a determinação do sexo, idade da morte, detalhe das anomalias que indicam doenças, registros de informações das análises químicas e biomoleculares. O inventário do esqueleto deve apresentar uma listagem das partes que estão presentes, ou diagrama linear com o esqueleto completo, em que os ossos presentes são coloridos.

Uma inovação de Chamberlain está em seu último capítulo quando trata de ética e legislação sobre os restos humanos. Expõe a legislação inglesa de 1857 a 1990 e suas relações nos centros religiosos e jurídicos cívicos. Para o autor, ética pode ser definida como um sistema coerente de valores que determinam um código de conduta. Pode variar em diferentes culturas e segmentos sociais, refletindo no tratamento do morto. Arqueólogos, bioantropólogos, especialistas em antropologia médica, história da Medicina e paleopatologia sempre tiveram interesse nos restos humanos. O estudo de sítios cemitérios e das práticas funerárias tem fornecido importantes informações sobre as estruturas de sociedades passadas, modificações culturais do esqueleto humano como a deformação craniana, mutilações dentárias. Tratamento de distúrbios e infecções são de interesse para a Antropologia Social e a História da Medicina. Bioantropólogos e paleopatologistas fazem largo uso de coleções em suas pesquisas em paleodemografias, afinidades biológicas entre populações, origens de doenças e os efeitos de dietas e estresses. Novas técnicas em biologia molecular, incluindo a análise das sequências de DNA, ensaios específicos com proteínas humanas não têm sido constantemente utilizados para a caracterização genética de pequenas amostras de ossos humanos provenientes de escavações arqueológicas. Esqueletos de indivíduos identificáveis pelo conhecimento da idade e do sexo são de grande valor para antropólogos forenses e fornecem meios para a calibração de métodos de cálculos dessas mesmas variáveis em espécies arqueológicas.

As possibilidades de estudo e registro de restos humanos que passam pelo problema de ser novamente enterrados após sua exumação ou expostos em museus com seus artefatos mortuários para exposições interpretativas são de interesse do autor. Como uma solução, o autor propõe a moldagem desses materiais humanos para exposições em museus. Os problemas de repatriação, posse por grupos indígenas atuais de restos humanos são focos de problema nos estudos por pesquisadores afins. As escavações que resultem no estudo e análise de restos humanos devem considerar e se adequar aos legítimos interesses das populações indígenas que reivindicam os antigos ancestrais sepultados em suas terras.

Mediante uma seleta coletânea de problemas atuais das formas de conhecimento produzido sobre os remanescentes humanos, o autor nos oferece com *Human Remains* uma amostra da complexidade e das possibilidades de se estudar esse material de maneira clara, objetiva e aberta para os iniciantes em áreas de pesquisas afins.

Evidentemente, seus escritos privilegiam as análises biológicas e médicas desse tipo de material, embora considerem os problemas nas escavações realizadas por arqueólogos e seus possíveis direcionamentos.

Na bibliografia constam, entre outros, os clássicos manuais como *Human Osteology* de W. Bass, um guia de como identificar, transportar, registrar, mensurar e analisar esqueletos humanos; *Digging up Bones*, de D. Brothwell, que abrange, além das diagnoses de sexo e idade, reconstituição, mensuração e as patologias ósseas; *Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*, de D. Ortner e W. Putschar, um guia geral das patologias ósseas; *The Anatomy and Biology of the Human Skeleton*, de D. Steele e Bramblett, um volumoso manual com dados, tabelas de cálculos de idade, estatura, identificação de ossos e dentes humanos e o *Human Skeletal Remains: Excavation, Analysis, Interpretation*, de D. Ubelaker, publicados ou reeditados entre 1981 e 1989.

Trata-se de uma coletânea simplificada de temas comuns tanto na Arqueologia quanto na Antropologia, Biologia e determinadas áreas da Medicina e das Ciências Jurídicas. Convém salientar que este trabalho, embora dirigido a arqueólogos, parece valorizar os recentes avanços da Medicina, os métodos da Antropologia forense, da Biologia molecular e da Bioquímica. Não podemos descon-

siderar as importantes contribuições dessas disciplinas para o estudo dos remanescentes ósseos pela Arqueologia.

Como seria uma abordagem especificamente arqueológica de um sepultamento humano (que inclui, obviamente, os remanescentes humanos e outras coisas – vestígios de cultura)? Essa abordagem seria um pré-requisito ou um auxílio ou uma etapa de uma pesquisa em uma disciplina biomédica? Provavelmente devamos nos referir a um “study of human skeletons”, amplo e que conteria os estudos arqueológicos sobre os enterros humanos e seus conteúdos. Por outro lado, antropólogos forenses parecem necessitar de métodos e técnicas utilizados em escavações arqueológicas. Biólogos, médicos e mesmo dentistas que estão preocupados com remanescentes ósseos humanos (digo, uma parte dos sepultamentos) acabam utilizando materiais de coleções provenientes de escavações arqueológicas.

Chamberlain mostrou-se preocupado com problemas específicos como a identificação de ossos humanos, a evidência da idade e a estrutura da população; evidências químicas e biomoleculares; doenças; tipos de conservação de corpos humanos; localização de sítios cemitérios; escavação e preservação dos restos esqueléticos; legislação e ética no estudo desse tipo de vestígio. Evidentemente, o caráter dos restos humanos é vestigial. As análises físico-químicas dos vestígios têm sido de uso fundamental para os arqueólogos.

Convém ressaltar que análises arqueológicas recentes das práticas mortuárias são notáveis pelo uso de diferentes metodologias e técnicas para a explanação do fenômeno morte e nas pesquisas relacionadas ao problema das práticas mortuárias em determinados processos socioculturais. Para A. Fleming (1972, 1973), os rituais mortuários envolvem atos de participantes (indivíduos vivos participando do funeral ou outras cerimônias *postmortem*) e os principais (os falecidos). Estão espacialmente circunscritos os limites entre os vivos e os mortos. O sepultamento é uma ação rápida e breve se comparada ao todo das atividades e dispêndios de energia do grupo humano extinto.

Brad Bartel (1982) propõe uma instigante retrospectiva interpretativa dos principais paradigmas antropológicos em cem anos de estudos das práticas mortuárias. O que é arqueologicamente observável constitui uma pequena parte do todo das práticas sociais. Aí, a prática mortuária é subdivisão de toda a sequência envolvida com a de-

posição do corpo. A distribuição dos artefatos na superfície de um cemitério pode representar uma ou outra festa funerária ou visitas após o enterramento. Quando uma situação trabalhada por arqueólogos apresenta continuidade entre uma fase pré-histórica e uma ocupação de um grupo etnohistórico, há maior potencial (com ressalvas) para esquadrinha de uma sequência mortuária.

Considerando as múltiplas perspectivas de análise, proposições teórico-conceituais e técnicas que implicam no estudo da morte (suas visões, formas vestigiais das manifestações ritualísticas, das deposições dos corpos, seus acompanhamentos funerários, os “padrões” de enterramento, seu universo social, antropológico, biológico, taxonômico, tanatológico, médico, arqueológico, forense, histórico), torna-se evidente a preocupação dos arqueólogos quanto aos vestígios, à cultura material funerária e os restos humanos.

Lewis R. Binford em seu clássico artigo de 1971 concorda que o número e as formas específicas das dimensões da pessoa social comumente refletem nos rituais funerários várias significações sobre a complexidade organizacional da sociedade mensurada por diferentes formas de práticas de subsistência. Para o autor, a interpretação arqueológica das práticas mortuárias é de grande importância. Os sepultamentos humanos são uma das freqüentes classes de caracteres culturais observados pelos arqueólogos, que desenvolveram complicados paradigmas para descrever e analisar tais vestígios. Uma gama de definições específicas como *sepultamentos fletidos, estendidos, semi-fletidos, secundários, primários, simples, múltiplos, cremações* ou *inumações* acabam por revelar uma preocupação com a descrição das diferenças e similaridades observadas.

Sepultamentos são classes distintas de um fenômeno variável. Esforços comparativos e teóricos consideráveis têm sido elaborados por etnólogos e antropólogos que trabalham com populações vivas. Binford destaca três classes de informações sobre a literatura referente às práticas mortuárias. A documentação da perspectiva filosófica sobre o problema da explanação de várias facetas dos costumes mortuários; um inventário dos argumentos específicos e generalizações empíricas que têm sido propostas para explicar as variações das práticas mortuárias; a observância de variações na forma das configurações espaciais dos enterros e tendências observáveis ou sequências temporais das

mudanças formais nas práticas mortuárias. Seus continuadores utilizaram analogias etnográficas selecionadas para a interpretação de práticas mortuárias semelhantes.

Certos procedimentos propostos por Chamberlain são encontrados nos trabalhos de Lilia M. Cheuiche Machado (1983), S. M. Souza (1992-93), Monica Portas e Monica Sans (1994), entre outros. Os autores consideram os restos humanos em suas análises arqueológicas, muito embora façam largo uso de métodos das ciências biomédicas para obter resultados que satisfaçam suas necessidades, como por exemplo a determinação de idade, sexo, condições da saúde bucal, curvas de mortalidade, homogeneidade morfológica da população em estudo.

O livro de Chamberlain vem contribuir mais uma vez (além dos manuais de Bass e outros já citados) para a lembrança de que as perspectivas biomédicas e bioquímicas de análise de restos humanos constituem uma porção ou mesmo subordinam as análises arqueológicas de tais achados. Uma crítica parece pertinente quando ocorre a predominância de determinismos genéticos e biológicos na interpretação de culturas extintas. Restos humanos e práticas culturais interrelacionam-se. Chamberlain parece hipervalorizar procedimentos de outras disciplinas científicas que abordam o material humano dentro de suas perspectivas específicas. Uma gama de definições médicas, biológicas e físico-químicas e mesmo essencialmente demográficas acabam por sufocar perspectivas e potenciais de análise arqueológica dos materiais ósseos. Está quase que ausente a idéia de um resto humano interdependente do seu contexto de campo, arqueológico. O fragmento ósseo ou parte de um corpo mumificado é visto em si e por si, destituído de um contexto que poderia ser de grande importância para estudos arqueológicos sobre morte.

Uma gama de gráficos e fotografias (fotomicrografias, fotomacrografias, close-ups, verticais, oblíquas, vistas gerais de campo, aerofotografias) são utilizados pelo autor para suas explanações sobre o tema. Seus gráficos e fotografias de aspectos patológicos constituem registros dos dados observacionais de campo que perfazem um viés na formulação de teorias arqueológicas referentes ao problema dos restos humanos. Chamberlain parece polvilhar aspectos de problemas que afligem arqueólogos e demais interessados no estudo dos

remanescentes humanos (e, eventualmente, seus acompanhamentos funerários e demais relações espaciais e culturais em questão). Tornou-se evidente, acredito, que o arqueólogo deve estar interessado em algo mais além de única e exclusivamente

nos materiais humanos em si mesmos, destituídos de uma inserção no sítio arqueológico e suas implicações significantes quanto aos aspectos das práticas mortuárias e suas potencialidades para interpretação no campo da Arqueologia.

Referências bibliográficas

BARTEL, B.

- 1982 A Historical Review of Ethnological and Archaeological Analysis of Mortuary Practice. *Journal of Anthropological Archaeology*, 1: 32-58.

BINFORD, L.R.

- 1971 Mortuary practices: their study and their potential. J.Brown (Ed.) *Approaches to the social dimensions of mortuary practices*. *Memoirs of the Society for American Archaeology*, 25: 6-29.

FLEMING, A.

- 1972 Vision and design: approaches to ceremonial monument typology. *Man*, 7: 57-73, 1972.
- 1973 Tombs for the living. *Man*, 8: 177-193, 1973.

MACHADO, L.M.C.

- 1983 *Análise de Remanescentes Ósseos Humanos do Sítio Arqueológico Corondó, RJ (Aspectos biológicos e culturais)*. Tese de Doutorado, FFLCH-USP.

PORTAS, M.; SANS, M.

- 1994 Histórias de vida en los restos esqueléticos de dos sitios con elevación del departamento de Rocha, Uruguay. *Arqueología en el Uruguay: 120 años después*. VIII Congreso Nacional de Arqueología Uruguay. Museo Regional "Francisco R. Mazzoni", Maldonado: 32-35.

SOUZA, S.M.

- 1992/93 Paleopatologia Humana de Santana do Riacho. *Arquivos do Museu de História Natural, UFMG, Belo Horizonte, MG*. Cap. 17, vol. XIII/XIV: 129-160; Paleodemografia da População do Grande Abrigo de Santana do Riacho, Minas Gerais: uma hipótese para verificação. *Arquivos do Museu de História Natural, UFMG, Belo Horizonte, MG*, Cap. 18, vol. XIII/XIV: 161-171.

Recebido para publicação em 12 de dezembro de 1996.